

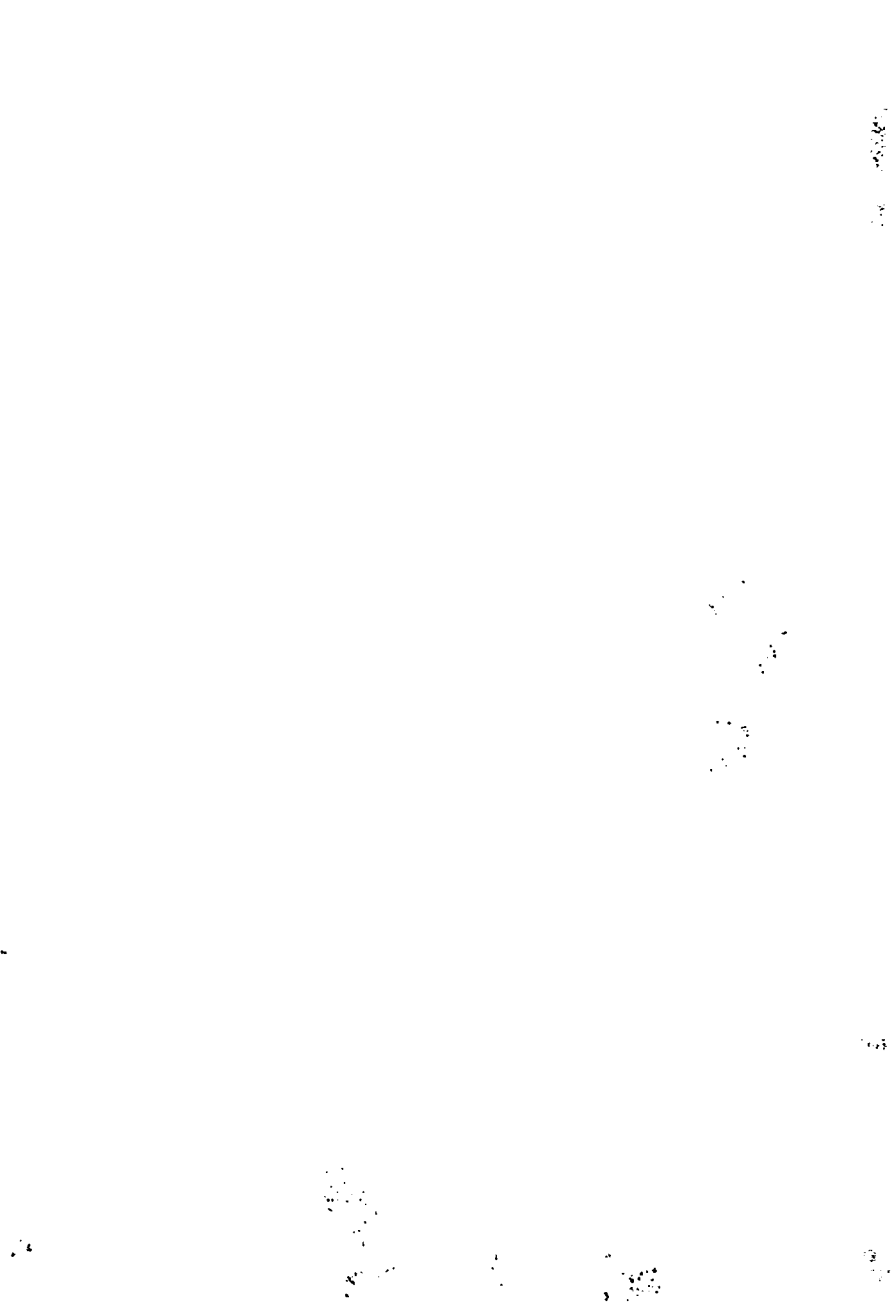
VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

23

**“Assembléias de Deus”
e outras
“Igrejas Pentecostais”**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**



**AS ASSEMBLÉIAS DE DEUS E OUTRAS
IGREJAS PENTECOSTAIS**

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 23

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

**Assembléias de Deus
e outras
Igrejas Pentecostais**

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA**

1959

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TROPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 15-IV-1959.

**Título do original inglês: "Assemblies of God" and other
"Pentecostal Churches".**

**Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.**

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

As listas censitárias das corporações religiosas nos Estados Unidos contêm os nomes de cerca de uma dúzia de diferentes Igrejas "Pentecostais" e "Santidade", as maiores das quais aparecem sob um cabeçalho separado como "Assembléias de Deus, Concílio Geral".

Esta denominação proclama ter uns 500.000 membros nos E.U.A., e perto de 5.000.000 de adeptos no mundo inteiro. Excede em número tôdas as outras seitas de tipo similar juntas; e é a mais ativa de tôdas elas tanto na América como no estrangeiro, com um progresso resultante que força a atenção de tôda pessoa interessada no estudo comparativo das religiões.

Este livrinho, será, pois, dedicado à consideração da origem, natureza, ensinamentos e práticas das "Assembléias de Deus", e faremos um esforço para apreciar no seu verdadeiro valor a particular espécie de religião que elas oferecem à humanidade em nome do Cristianismo.

FUNDO HISTÓRICO

Antes, porém, de podermos começar a compreender o nosso assunto, é essencial lançarmos uma vista de olhos à história, embora deva ela ser realmente uma vista de olhos muito sumária.

Sabemos que, no ano 313 (depois de Cristo), o Imperador Constantino Magno publicou o seu "Édito de Tolerância", pondo assim fim aos três séculos de

perseguição que haviam sido aturados pelos primitivos cristãos. Livre, depois disso, de se desenvolver como nunca antes, a Igreja Cristã rapidamente se expandiu pelo mundo inteiro, e dentro em não muito tempo tôdas as nações européias professavam a Fé cristã. Mas a única forma dessa Fé que elas conheciam era a que lhes fôra pregada pela Igreja Católica; e por todos os historiadores é admitido que, por bem uns mil anos, o Catolicismo foi a religião da cristandade ocidental.

No século XVI, entretanto, a Reforma protestante lavrou através da Europa Setentrional, acarretando consigo revoltas, tanto nacionais como religiosas, contra a ordem até então estabelecida. Estados novos e independentes foram criados, juntamente com muitas variações diferentes do Protestantismo. Unidade de fé era impossível uma vez que a autoridade docente da Igreja Católica fôra repudiada em favor de uma religião de "Bíblia sòmente", tendo cada um o direito de interpretar por si mesmo as Escrituras. Inevitavelmente, inúmeras pequenas seitas começaram a surgir, na infeliz situação de minorias perseguidas mesmo entre os seus colegas protestantes.

Na Inglaterra, religiosamente o movimento de reforma não foi lá tão extenso como no Continente. Em 1534, Henrique VIII recusou vassalagem a Roma e declarou-se chefe tanto da Igreja como do Estado; mas, embora declarasse que a autoridade sôbre a Igreja na Inglaterra, autoridade que pertencera ao Papa, estava de então por diante investida nêle, quis que qualquer outro ensino e culto continuasse como antes. Após a sua morte, durante o curto reinado de Eduardo VI (1547-1553) fizeram-se esforços para protestantizar a Igreja da Inglaterra; esforços que foram renovados sob Isabel I (1558-1603), após os bre-

ves cinco anos do reinado de Maria Tudor, durante os quais a Inglaterra se reconciliara com Roma.

Isabel procurou a todo custo trazer unidade tanto nacional como religiosa à Inglaterra, introduzindo desde o princípio um "Ato de Uniformidade em Religião" baseado num compromisso entre o Catolicismo e o Protestantismo. Os católicos que recusaram conformar-se com isso, permanecendo leais ao Papa, foram chamados "Recusantes". Os protestantes que recusaram conformar-se, declarando que Isabel não havia ido bastante longe em "purificar" a velha religião daquilo que eles consideravam como abusos "Romanos", tornaram-se conhecidos como "Puritanos". Ambos foram igualmente perseguidos.

EXODO PURITANO PARA A AMÉRICA

Os Puritanos objetavam fortemente contra o "tom papista" que ainda caracterizava a Igreja estabelecida da Inglaterra. Não gostavam de bispos, de cerimônias litúrgicas e de culto formal de qualquer espécie. Queriam simples serviços de canto de hinos, de pregação da Palavra de Deus, e de preces de ocasião. E declararam-se pela "independência", isto é, pelo direito de qualquer grupo de pessoas de mesma mentalidade organizar-se numa igreja que seria lei para si mesma.

Visto que as duras repressões que eles haviam sofrido sob Isabel não davam sinal de diminuir sob o seu sucessor Jaime I (1603-1625), procuraram os Puritanos liberdade em qualquer outro lugar. Primeiramente cogitaram da Holanda; depois das recém-descobertas colônias na América. Em 1608 o "Mayflower" velejou com o primeiro bando de peregrinos, que estabeleceram na Nova-Inglaterra a "Independência",

mais tarde conhecida como "Congregacionalismo". Outros se seguiram. Em 1619 os Puritanos Anglicanos (o Partido da Igreja-Baixa na Igreja da Inglaterra) erigiram o Anglicanismo em religião de Estado na Virgínia. Em 1625 elegeram os primeiros Presbiterianos, e a princípio aceitaram a ascendência dos Congregacionalistas, reclamando mais tarde independência para si mesmos. No ano de 1650 vieram os Batistas, e em 1760 os Metodistas. Estes últimos, entretanto, não foram bem acolhidos pelos Congregacionalistas, Anglicanos e Presbiterianos, que, tendo vindo em busca de liberdade para si mesmos, não tinham intenção de concedê-la aos outros; por isto os Batistas, Metodistas e todos os que buscavam liberdade religiosa tenderam a emigrar da Nova-Inglaterra para os Estados do Sul e do Meio-Oeste.

Era entre os descendentes destes últimos colonos que a maior parte da penca de estranhos cultos religiosos do século XIX devia desenvolver-se.

A situação foi bem descrita pelo recente Bispo Anglicano de Durham, na Inglaterra, Hensley Henson, na sua introdução ao livro de Ray Strachey "Group Movements of the Past and Experiments in Guidance" (Movimentos de Grupo do Passado e Experiências de Direção) [1934]:

"Há razões especiais para que a América tivesse sido, de modo único, rica em seitas religiosas fantásticas... Os fugitivos Puritanos, que buscavam refúgio na América... vieram para uma terra que não tinha tradições imemoriais capazes de mitigar o forte Biblismo que eles professavam. Eles estavam num país distante, separados, por léguas de deserto e de oceano, da principal corrente de pensamento e de vida civilizados. O isolamento, que devia necessariamente marcar a vida dos pioneiros, intensificou-lhes a beatice egocêntrica.

Nenhuma autoridade estabelecida de Igreja ou de Estado, incorporada em instituições venerandas, existia para refrear a extravagância e as formas de hábitos. Tudo era obra das próprias mãos deles, podendo eles fazê-la e refazê-la a seu gosto. Será então de admirar que os homens religiosos se tornassem egocêntricos, obstinados e fanáticos? Vivendo por si mesmos e consigo mesmos, eles não tinham crítica de fora a que dar contas, nem opinião pública para lhes castigar os fervores solitários, nem normas estabelecidas de crença para lhes medir e refrear o juízo privado... A doutrina da habitação do Espírito Santo presta-se a fácil abuso nas mãos de homens ignorantes e presunçosos. A inspiração da Escritura canônica torna-se uma sujeição servil ao texto quando a Escritura é manejada por Fundamentalistas ignorantes”.

Para que essa apreciação feita por um Bispo Anglicano da Inglaterra não pareça suspeita, não será fora de propósito mencionarmos aqui, de passagem, que um juízo inteiramente similar foi expressado pelo Professor Congregacionista Willard L. Sperry, Deão da Escola de Teologia na Universidade de Harvard, E.U.A., no seu livro “Religion in America” (Religião na América) [1945].

Havia, entretanto, uma tradição proveniente do Velho Mundo com a qual todos concordavam. Eles trouxeram consigo o legado de um ódio e temor daquele Catolicismo contra o qual os primeiros reformadores se haviam revoltado. Por pouco que eles soubessem dele, alimentavam contra ele o mais violento dos preconceitos protestantes. Para eles o Papa era o “Anticristo”, o “Devasso” e a “Bêsta” do Apocalipse. Assim Joseph Smith, filho da sua época e de sua roda e fundador dos “Santos do Último Dia”, escrevendo em 1827, refletiu no seu “Book of Mormon”, “Livro

de Mormon” (I Nephi, c. 13) o modo de ver reinante. As negras expressões seguem-se uma à outra como uma ladainha de execrações. “Eis a fundação de uma Igreja que é mais abominável do que tôdas as outras Igrejas”. “Vi o diabo, porque êle era o fundamento dela”. “Vi muitos devassos... e os devassos são os desejos dessa grande e abominável Igreja”. “As partes mais preciosas do evangelho do Cordeiro foram sonegadas por essa abominável Igreja, que é a mãe dos dissolutos, diz o Cordeiro”. Com êstes sentimentos, por mais radicalmente que êles discordassem de outras idéias religiosas proclamadas por Joseph Smith, muitos dos seus contemporâneos e das precedentes gerações de colonos naquilo que mais tarde veio a ser conhecido como o “Bible Belt” (“Cinturão da Bíblia”) da América, teriam concordado de todo coração. Êles eram protestantes até o cerne.

O REAVIVAMENTISMO DO SÉCULO XIX

Dentro dêste quadro veio, em ondas sucessivas de entusiasmo, aquilo que é conhecido como o “Grande Despertar”, de meados do século dezoito em diante. Essa convulsão religiosa começou no ano de 1720, ganhou importância sob a influência dos reavivamentistas ingleses John Wesley e George Whitehead, que vieram para a América em 1735 e 1740 respectivamente, e finalmente foi posta a rodar em 1743 pelo Rev. Jonathan Edwards, ministro Congregacionista da Nova-Inglaterra de concepção decididamente calvinista quer sôbre êste mundo quer sôbre o outro.

Aflito com a crescente indiferença para com a religião, com o mundanismo e com o relaxamento moral dos colonos, Jonathan Edwards trovejou do púlpito que nenhum homem pode entrar no céu como cristão pela metade. O povo devia renascer, e êste

renascimento queria dizer sentir de novo uma revivescência religiosa dentro do coração e da alma. As ossadas dos mortos deviam ser trazidas à vida outra vez. Do contrário, o resultado inevitável seria um inferno de cruciantes e eternos tormentos. Os seus sermões foram assustadores. Cada vez mais o povo afluía para ouvi-lo. E foi elétrica a resposta a tais exortações, no meio de um povo primitivo e emotivo. O movimento reavivamentista propagou-se. Evangelistas itinerantes, imitando Jonathan, percorriam o país, e criavam condições de excitação religiosa sempre crescente.

O fermento continuou intermitentemente por todo um século, e o clímax veio com os reavivamentismos de Kentucky do ano de 1880, quando o Presbiteriano Rev. James McGready partiu de Carolina do Norte com a sua poderosa pregação de severo Calvinismo e da iminente condenação dos pecadores impenitentes. Ele inaugurou uma nova onda de comícios reavivamentistas, despertando emoções religiosas até o maior grau de intensidade. A sua campanha era acompanhada pelas mais extraordinárias manifestações de histeria, êxtases e alucinações; e era seguida de toda sorte de desordens físicas, psicológicas e mesmo morais.

Durante êsse notável período de perturbação religiosa, como bem se pode esperar nasceu ali grande número de novas seitas protestantes, cada qual convencida de que tôdas as outras estavam erradas e de que só ela era divinamente inspirada e autorizada. Só é possível nomear aqui algumas delas.

Em 1774 apareceram os "Shakers de Ann Lee". Entre 1792 e 1860, tôda uma penca de seitas Metodistas e Batistas independentes e reformadas erigiram-se como novas denominações. Em 1830, Joseph Smith teve visões e sentiu-se incumbido por Deus de fundar a

só e única verdadeira Igreja Mormom. No ano seguinte, William Miller ficou certo de que a Segunda Vinda de Cristo devia ocorrer em 1844, e, quando o tempo provou que êle estava errado, o seu movimento só foi salvo do desastre pelas "revelações" concedidas a Mrs. Ellen G. White, a fundadora dos Adventistas do Sétimo Dia. Naquele mesmo ano de 1844, Alexander Campbell organizou os "Discípulos de Cristo", dos quais por sua vez se desenvolveram as "Igrejas de Cristo". Em 1845, os Perfeccionistas Oneida começaram os seus experimentos em comunismo religioso. O Espiritismo começou a sua carreira em 1848. Os Cristadelfos vieram em 1850 com a mensagem de John Thomas, de Brooklyn, N. Y., de que "tôda a Cristandade se extraviara", e de que só êle fôra incumbido por Deus de proclamar a verdade. Em 1872 o Pastor Russell asseverou com igual veemência que era o "mensageiro de Deus", mandou pregar o Reino e fundou a "Watch Tower and Bible Tract Society" ("Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia"), sendo os seus sectários conhecidos desde 1931 como "Testemunhas de Jeová". Mrs. Mary Baker Eddy, em 1875, declarou estarem enganados todos êstes e quaisquer outros, e que o próprio Deus lhe manifestara a verdade divina na "Ciência Cristã".

APARECIMENTO DO PENTECOSTALISMO

E' essencial ter de mente êste quadro se se quiser compreender a atmosfera que preparou o caminho para o emergir das "Assembléias de Deus".

Mas há também outros fatores a serem considerados. Esse reavivamentismo do século XIX não fêz somente estimular a imaginação e a emoção a ponto de induzir muitos indivíduos a acreditarem-se re-

cebedores de uma revelação divina. Na maior parte, êle tomou por pressuposta a fórmula Metodista da "livre, plena e atual salvação", oferecendo ao povo a promessa de um "novo nascimento" pela fé sem as boas obras. O Espírito Santo seria responsável por isto, conferindo uma mui consoladora segurança de aceitação por Deus, e uma imediata transferência da alma, do pecado, para um estado de "inteira santificação". Não haveria necessidade de nenhum crescimento gradual, penoso e progressivo em virtude cristã. Por outras palavras, o "Perfeccionismo", levando quase inevitavelmente ao "Pentecostalismo", começou a afirmar-se de muitos e diversos modos.

No encerramento da Guerra Civil, em 1865, irrompeu um movimento "Santidade", a princípio em comícios campais e dentro de círculos Metodistas. Logo, porém, os "Perfeccionistas" se acharam pouco à vontade entre congregações complacentes. Tornaram-se cada vez mais desligados das igrejas existentes, por fim romperam com elas completamente, e erigiram-se, independentemente, numas quarenta ou cinqüenta pequenas seitas chamadas "Igrejas Santidade".

Essas "Igrejas Santidade" proclamavam-se movimentos de reforma. Tinham em mira a doutrina Metodista original da religião individual e pessoal, como oposta à religião organizada. Queriam a democracia congregacionalista em vez de qualquer coisa que cheirasse a contrôle hierárquico ou autoritário. E queriam o "perfeccionismo" como oposto ao "gradualismo" em progresso espiritual.

Não é difícil ver como o "Pentecostalismo" se desenvolveu dessas idéias. Os primitivos Metodistas haviam ensinado que a "santificação inteira" era devida à operação direta do Espírito Santo. Falavam da "Segunda Bênção" da experiência religiosa chamada

“Conversão” nas suas reuniões reavivamentistas. Charles Finney, o evangelista Metodista, declarou ter recebido um “novo batismo do Espírito” em 1843, o qual resultara na sua “inteira santificação”. Daí era apenas um curto passo para a crença das “Igrejas Pentecostais” de deverem a sua origem a uma efusão especial do Espírito Santo tal como ocorrera no próprio Domingo de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sôbre os Apóstolos.

Ademais, em muitas dessas Igrejas Pentecostais acreditava-se que a “perfeição” devida à ação direta do “Espírito Santo” era necessariamente manifestada pela outorga dos “dons carismáticos”, tão evidentes na Igreja primitiva. Essas Igrejas punham grande empenho em procurar reproduzir os fenômenos de Pentecostes, tais como profetizar, falar línguas desconhecidas e fazer curas milagrosas. Nas suas reuniões era usual reinar o mais selvagem entusiasmo. Sob a influência de uma emotividade nervosa e de fortes sentimentos religiosos, as pessoas acreditavam-se almas eleitas, sujeitas a efusões anormais do Espírito Santo, quando davam curso a “santas risadas”, a convulsões físicas, a transe e à contemplação de visões. Esses excessos reduziram a fragmentos as Igrejas Pentecostais, formando as Igrejas “carismáticas”, ou “de dons”, uma espécie de ala esquerda do “Movimento Santidade”.

MOVIMENTO DA ÚLTIMA CHUVA

Em 1892 dois pregadores chamados Spurling, pai e filho, que haviam pertencido à Igreja Batista, fundaram um desses grupos Pentecostais fracionários, introduzindo o que eles chamavam de “Efusão da Última Chuva”.

A Versão Autorizada da Bíblia, quer no Antigo quer no Novo Testamentos, tinha falado dos “Últimos Dias”. Muitos Protestantes daquela era, com o seu fundamentalismo bíblico, emprestavam um valor quase mágico às próprias palavras da tradução de King James da Bíblia. A Versão-Modêlo Revista traduz “últimos dias” simplesmente como “últimos tempos”, roubando assim à expressão o valor talismânico que a palavra “últimos” tinha então para tantos. Joseph Smith, com os seus “Santos do Último Dia”, cunhou um título ao qual até hoje os Mormons emprestam significação extraordinária, como se houvesse sido predita uma era bem definida que não é inculcada pela vaga referência a “últimos tempos”. Assim foi com os Spurlings.

Em 1886, tal como os Batistas, êles haviam começado a pregar que nenhuma das Igrejas existentes pregava o “Evangelho Pleno”, visto nenhuma ensinar que os dons especiais do Espírito Santo na primitiva Igreja, tais como os dons de línguas e de cura, ainda estavam à disposição dos fiéis. Encontrando oposição dos seus colegas Batistas, êles abandonaram a Igreja Batista e, com um clérigo ex-Methodista chamado Rev. W. F. Bryant, formaram em 1892 a “Igreja Santidade” em Camp Creek, Carolina do Norte. Proclamavam que haviam restaurado o Cristianismo primitivo, que os dons do Espírito Santo tinham chovido sobre êles no seu movimento do último dia, e que os membros da sua nova denominação haviam recebido o “batismo do Espírito”.

ASSEMBLÉIAS DE DEUS

Em 1906, o Rev. A. J. Tomlinson ganhou o controle da “Igreja Santidade” fundada pelos Spurlings e Bryant, e mudou-lhe o nome para “A Igreja de Deus”.

Todavia, quando a nova Igreja cresceu, a rivalidade de muitos chefes levou-a ao fracionamento em muitos outros grupos diferentes e independentes, que se chamavam a si mesmos "Igrejas de Deus" (com vários subtítulos), "Igrejas do Evangelho Pleno", "Igrejas de Santidade Pentecostais", "Evangelistas *Four Square*", ("Quatro Quadrados"), e muitos outros, todos descendentes do "Movimento da Última Chiuva".

O maior destes é o "Concílio Geral, Assembléias de Deus", que data de 1914. Naquele ano um grupo de pastôres da "Igreja de Deus" e de outras "Igrejas Pentecostais" derivadas, em Arkansas e nos Estados vizinhos, reuniram-se em Hot Springs, Arkansas, e entenderam-se para a amalgamação de cêrca de cem congregações diferentes. Adotaram o novo nome de "Assembléias de Deus". Dois anos depois, em 1916, o quartel-general foi estabelecido em Springfield, Missouri; e a seita foi formada como "Assembléias de Deus, Concílio Geral". Hoje, como foi dito, êles constituem a maior de tôdas as denominações Pentecostais.

Em certa extensão, as "Assembléias de Deus", como denominação, guardam fidelidade em tipo, a tôdas as outras Igrejas "Pentecostais".

Entretanto, uma vez que o movimento inteiro surgiu de dentro das fileiras do Protestantismo, os seus membros conservaram naturalmente certos princípios básicos comuns ao Protestantismo em geral.

Pressupõem como matéria indubitável que a Igreja Católica, abandonada pelos primeiros reformadores no século XVI, está corrompida sem esperança.

A máxima de Chillingworth de que "a Bíblia, e só a Bíblia, é a religião dos Protestantes" é mantida em honra. Prevalece a visão "fundamentalista" da Escritura, segundo a qual a doutrina da inspiração verbal é mantida, na maior parte até mesmo de acôr-

do com a fraseologia literal da Versão Inglesa Autorizada. E o direito de interpretação privada é reconhecido, exceto no caso de doutrinas específicas essenciais à posição distinta das "Assembléias de Deus" como denominação absolutamente separada.

O usual ensino protestante da salvação só pela fé também é sustentado, embora esta idéia do "simples evangelho" seja mais teoria do que realidade, vista à luz dos atuais desenvolvimentos nas doutrinas Pentecostais.

As doutrinas da SS. Trindade e da Divindade de Cristo são mantidas no sentido cristão tradicional; e os membros das "Assembléias" reúnem-se regularmente para a "Fração do Pão" ou celebração da Ceia do Senhor, interpretando-a como mera comemoração simbólica. A doutrina católica da Presença Real de Cristo na Eucaristia e do Sacrifício da Missa é-lhes completamente estranha.

INFLUÊNCIA DE VÁRIAS SEITAS

Em aditamento a êsses característicos gerais comuns a tôdas as formas de Protestantismo, há característicos particulares que refletem os ensinamentos das diferentes seitas que formaram o ambiente religioso do qual vieram os primeiros fundadores.

De um ponto de vista organizativo, as "Assembléias de Deus" adotaram os princípios Congregacionistas. Dos Batistas êles tiraram a prática de só batizar crentes adultos, e por imersão. A idéia do segundo e mais importante "Batismo no Espírito Santo" é realmente derivada das idéias Metodistas de apropriação, por experiência interior de "plena, livre e atual salvação"; embora a insistência em que a única evidência fidedigna desta é "falar línguas conforme o Espírito dá de falar" constitua aditamento próprio às

próprias “Assembléias de Deus”. Disto teremos de tratar melhor mais adiante. As “Assembléias” aceitam também o ensino dos Adventistas do Sétimo Dia de que está iminente a Segunda Vinda de Cristo, e de que a sua volta significará a destruição da presente ordem do mundo e a fundação do “Reinado Milenar” de Cristo, ou reinado por mil anos nesta terra. Todos os membros da denominação sustentam que deveriam viver numa expectativa sempre presente do fim do mundo, e que nesse sentido devem ser interpretadas as profecias Escriturárias.

Tôdas as doutrinas derivadas aqui mencionadas foram discutidas longamente, à luz do ensino do Novo Testamento, em outros folhetos desta série, e não há necessidade de pisar aqui o mesmo terreno. O espaço limitado dêste livrinho particular exige seja dada atenção principalmente àqueles característicos pelos quais as “Assembléias de Deus” diferem das outras denominações protestantes.

Uma palavra, entretanto, deve aqui ser dita acêrca do código moral das “Assembléias de Deus”, o qual é o do seu herdado Puritanismo. Nascido das campanhas reavivamentistas do século XIX, nas quais vigorosos pregadores denunciaram o mundo e todos os seus caminhos, desde o comêço êles proibiram tudo o que cheire a mundanismo, como fumar, beber, dançar, ir ao teatro, ler novelas, usar modas extravagantes no vestuário e aquilo que era considerado como uma profanação dos Domingos por divertimentos e recreações. Até onde esta concepção estrita foi preservada, é impossível dizer. Os indivíduos são deixados mais ou menos à sua própria discricção no tocante a tais coisas. Certamente o que é considerado como da maior importância é ser “salvo pela fé” e receber o “Batismo do Espírito”, testemunhado pelo “dom de línguas”.

II

PERIGOS DO REAVIVAMENTISMO

Os fundadores das "Assembléias de Deus" herdaram aquilo a que o Bispo Hensley Henson chamou o "forte Biblismo" dos Fundamentalistas. Eles não fizeram concessão para a tradição cristã através das idades, nem para qualquer autoridade docente da Igreja estabelecida por Cristo. Com efeito, para eles a religião devia ser concebida em termos do místico e do sobrenatural, antes que de doutrinas e de credos. Era bastante ter um conhecimento dos textos da Bíblia, e o resto podia ser deixado a uma inspiração direta do Espírito Santo. Daí era um passo fácil para a convicção da possibilidade e privilégio das efusões pentecostais nos crentes dos dias atuais, juntamente com a outorga dos dons carismáticos mencionados pela Escritura em conexão com a Igreja primitiva.

Como resultado disso, eles atribuíam à operação do Espírito Santo dentro de si as suas próprias experiências pessoais e emotivas, e encareciam deturpadamente tôdas as passagens pentecostais da Bíblia, com desprezo de uma quantidade de outros elementos igualmente importantes. E pregavam, não o "Evangelho Pleno" como eles imaginavam, mas certas idéias fixas próprias, baseadas em aspectos particulares e mal entendidos do mesmo Evangelho. Apresentar o Cristianismo inadequada e falsamente não é pregar o evangelho inteiro de Cristo, e só pode é levar a aberrações quase infindas.

O perigo de tais aberrações é imensamente aumentado pela atmosfera dos "reavivadores" religiosos tão reinantes entre as seitas que, quase invariavelmente,

nasceram por sua vez de tais “reavivadores”, direta ou indiretamente.

Há uma lei de unidade mental nas multidões. Podem estas ser excitadas a um “estado condicionado” que parece contagioso por sua própria natureza. É um lugar comum da psicologia dos aglomerados que a multidão é irracional tão logo fica emocionalmente carregada. Assim, em 1956 a loucura musical do “rock-’n-roll” tornou-se quase uma epidemia. Jovens histéricos afluíam aos teatros e salas de espetáculo para escutarem encantados uma música frenética, sob cuja influência perdiam completamente a cabeça. Um psiquiatra declarou que o “rock-’n-roll” era uma “doença transmissível”; e as compactas audições de uma gente superexcitada e gritante, juntamente com a assustadora onda de delinqüência juvenil que se seguia ao despertar dela, mais do que confirmou o diagnóstico. A Religião não entrava no tumulto do “rock-’n-roll”. Porém as mesmas leis psicológicas podem atuar, e muitas vêzes têm atuado, na atmosfera de alta tensão emotiva reinante nas reuniões de “reavivamento” religioso.

A técnica do “reavivamentista” é um estudo interessante em si mesmo. Profusão de publicidade prévia, com as pretensões e promessas mais exageradas atraem o povo por meio da curiosidade. Essa curiosidade pode ser sutilmente convertida em expectativa, seguida por distúrbios mentais largamente auto-induzidos.

O “reavivamentista” pode ter uma incrível teologia; mas faz pouco ou nenhum apêlo à inteligência. A imaginação é o sentimento são os seus aliados. Ele não é nada se não tem confiança em si. Fala como alguém que tem autoridade. Segundo tôdas as aparências, está em estreito contacto com o sobrenatural. E exerce um magnetismo pessoal quase hipnótico.

As crenças são inculcadas por afirmações e repetições. Advertências e promessas são entremeadas com "Aleluias" e "Glórias". Hinos contribuem para o entusiasmo, sendo a atmosfera tãda um poderoso estímulo externo para tãda sorte de reações e manifestações patológicas.

Um senso de culpa, uma ansia de perdão e uma necessidade de amor, nada disto envolvendo, porém, qualquer espécie de atividade intelectual, pode acarretar muitas protestações públicas da "mudança de coração" e da "decisão em favor de Cristo" tão caras aos reavivamentistas; porém tais conversões são muito mais assunto de imaginação e de emoção do que de razão e de vontade. A mudançã carece de permanência. Quando o entusiasmo temporário mingua, sobrevém um sentimento de vazio e de futilidade; o interesse decai; e muitas vèzes o estado da chamada "alma convertida" é pior do que antes. Resultados duradouros de tais reuniões reavivamentistas são realmente raríssimos.

Por certo, seria inverídico dizer que as reuniões reavivamentistas Protestantes não realizaram absolutamente nenhum bem. Indubitavelmente elas trouxeram a religião a muita gente até então não tocada por ela; e com a sua pregação de conversão e de salvação, afagando muito a ovelha desgarrada e o filho pródigo, elas trouxeram paz de espírito a milhares de pessoas. Porém mesmo aqui bastas vèzes houve o excesso de meter as pessoas em "Santos Engodos" com aumentar a presunção de muitos que se convenciam da sua prãpria superioridade moral como resultado da sua experiênciã excitante. Entretanto, feitas tãdas as devidas concessões, tal reavivamentismo pode com razão ser julgado por leis puramente psicológicas. Ele tinha muito efeito sãobre a gente ignorante e ner-

- vosamente desequilibrada, tendendo a induzir estados religiosos mórbidos e explosões excêntricas de um entusiasmo que estava pronto a atribuir quase tudo à ação direta de Deus. Na realidade, os efeitos não tiveram nenhum valor de evidência como manifestações públicas de causas divinas e sobrenaturais a operarem nas almas dos homens. Que em tais aglomerações de massa Deus pudesse conceder graças reais a esta ou àquela pessoa em virtude de disposições sinceras a despeito de crenças erradas, isto, é claro, não deve ser negado.

DONS DO ESPÍRITO

Consideremos agora mais de perto a questão inteira das chamadas “manifestações do Espírito” extraordinárias.

Quando, em 1743, Jonathan Edwards começou a pregar os seus sermões altamente dramáticos e severamente calvinistas, o povo teria gritado de terror, teria sido possuído de violentos abalos e tremores, teria chorado copiosamente, teria desmaiado, ou teria começado a falar línguas desconhecidas. Para seu crédito deve ser dito que o próprio Jonathan Edwards não dava muita importância a tais fenômenos. Ele queria vidas reformadas e santas.

Mas outros gostavam dos “fogos de artifício”. Foi uma espécie de nova descoberta que tais manifestações excitantes pudessem resultar de fortes sentimentos religiosos. Profeta após profeta surgiu para se empenhar num reavivamentismo destinado deliberadamente a criar tais exibições anormais. Medrou a idéia de que estas eram prova de uma efusão especial do Espírito Santo sobre as almas eleitas; e essas experiências emocionais foram interpretadas como evidência do “Batismo do Espírito”, como uma “Segunda Bênção”

que conferia santidade a todos os que recebiam tais dons. Assim surgiram as "Igrejas Santidade" ou "Pentecostais", cuja marca distintiva era principalmente o "falar várias línguas", embora outros dons milagrosos, tais como o de curar os doentes, também fôsem proclamados.

Para justificar essas pretensões, a Escritura foi rebuscada numa procura febril de tôdas as referências a fenômenos similares ocorridas na Igreja primitiva.

Ora, é verdade que dons extraordinários do Espírito Santo abundaram nos primeiros dias da Igreja. Assim, nos Atos 19, 6, é-nos dito que "Paulo impôs as mãos sôbre eles. O Espírito Santo veio sôbre eles, e eles falaram línguas e profetizaram". Ainda, nas suas epístolas, S. Paulo dá várias listas de diferentes dons (Rom 12, 3-6; 1 Cor 12, 4-11; Ef 4, 7-12). As listas não pretendem ser completas, nem são qualquer classificação dos dons tentados. Qualquer dos fiéis podia receber um ou mais dêles, além do grande dom básico da Fé.

No tocante a êsses dons extraordinários, várias coisas da maior importância devem ser aqui notadas.

Êles eram concedidos imediatamente por Deus não meramente para confirmar na fé aquêle que os recebia, mas sim para o bem da Igreja inteira. S. Paulo insiste uma e mais vêzes em que êles eram para "a edificação do corpo de Cristo" (Ef 4, 12). Por êsses "sinais" a Igreja, como sendo o corpo de Cristo, e dos seus membros, portador do Espírito, manifestava-se como um organismo ricamente diversificado, no qual a vida comum se exprimia a todos de muitas maneiras diferentes. Isto era muito importante na obra de converter os incrédulos e de promover o crescimento da Igreja infante. Mas os indivíduos que recebiam tais dons não deviam considerar-se como os

melhores por possuí-los. S. Paulo até faz uma digressão para depreciar o valor desses dons aos recebedores. "Acaso todos fazem milagres? Têm todos a graça de curar? Falam todos diversas línguas? Todos interpretam?" Obviamente não, porque nem todos recebiam todos os dons. Nem era importante que quaisquer indivíduos dados devessem possuir ou procurar qualquer deles. Nem deviam ser procurados dons que meramente outorgavam o poder de fazer coisas extraordinárias, mas o que era de procurar eram graças que santificassem a alma de cada um. "Aspirai a melhores dons", escreveu S. Paulo. "Vou mostrar-vos um caminho ainda mais excelente" (1 Cor 12, 30-31). E dedicou todo o capítulo seguinte da sua epístola a acentuar a necessidade de cultivar a caridade e a virtude cristã pessoal.

SUJEITOS A AUTORIDADE

Ainda mais importante é notar que isso que é chamado a ordem "carismática" de dons extraordinários nunca foi independente do controle hierárquico da autoridade apostólica e episcopal.

Noutros lugares S. Paulo encarece o ensino e a autoridade governamental da Igreja. "Obedecei aos vossos prelados e sede-lhes sujeitos", escreveu ele aos fiéis, "pois eles vigiam como sendo para prestar conta das vossas almas" (Heb 13, 17). Aos pastores do rebanho ele disse: "Tomai cuidado convosco e com o rebanho inteiro onde o Espírito Santo vos colocou como bispos para governardes a Igreja de Deus" (At 20, 28). Ele próprio, em Cor 14, não hesitou em baixar regras e regulamentos aos quais eram obrigados a conformar-se perante Deus os que exerciam "dons" especiais. De acordo com esta doutrina, um dos documentos cristãos mais antigos, o "Didachè" ou Ensino dos Doze", escrito entre 90 e 100 depois de

Cristo, dava regras para distinguir entre os genuínos e os falsos detentores de tais dons especiais. “Se êle ensina outra doutrina, de modo a transtornar, não os ouçais”. “Nem todo o que fala no espírito é profeta, mas somente se tiver os caminhos do Senhor. Por seus caminhos, pois, serão conhecidos os falsos e os verdadeiros profetas”.

Seguramente, o contrôlo autoritário da Igreja, como uma salvaguarda contra o caos, devia de ser esperado. Cristo dissera: “Edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16-18). Foi a Igreja, na pessoa dos seus Apóstolos, que êle incumbiu “de ir e ensinar tôdas as nações” em seu nome e com a sua autoridade. E foi à Igreja que êle prometeu a sua proteção permanente “todos os dias até à consumação dos séculos” (Mt 28, 19-20).

A Igreja tinha, pois, os supremos dons carismáticos de infalibilidade para ensinar as doutrinas de Cristo, e de indefectibilidade para todo o tempo. Seria impossível para o Espírito Santo, a verdadeira alma da Igreja, inspirar quaisquer membros individuais desta de modo oposto aos seus ensinamentos doutrinários ou à sua autoridade disciplinar. Como Sertillanges fizera notar, foi um só e mesmo Espírito Santo que enfunou as velas da “Barca de Pedro” e proveu ao alento dos passageiros.

Portanto, qualquer membro que pretendesse ser guiado pelo Espírito independentemente da autoridade constitucional da Igreja ou em oposição a ela, ou estava enganado ou era um enganador. Por isto S. João escreveu: “Aquêle que não é de Deus não nos ouve. Por aí conhecemos o espírito de verdade e o espírito de êrro”. E advertiu os fiéis: “Não creiais em todo espírito, mas experimentai os espíritos, se são de Deus” (I Jo 4, 1-6). O rebelde é um herege;

e S. Paulo deu o aviso: "O homem que é herege... evitai-o, sabendo que aquêlo que é tal está pervertido, e delinqüe, sendo condenado pelo seu próprio juízo" (Tito 3, 10-11).

NÃO PERMANENTES

Outra coisa a notar é que êsses dons extraordinários nunca se pretendeu que fizessem parte permanente do aparelhamento ordinário da Igreja. Eles eram essencialmente transitórios, intentados para a necessidade imediata de consolidar a Igreja infante; e a história mostra que não tardaram a desaparecer como característico regular do Cristianismo, nunca, em tempo algum, tendo constituído funções distintas na Igreja. Não tardou a evidenciar-se que o único ministério válido, com autoridade constitucional sôbre todos os fiéis, era o dos bispos, sacerdotes e diáconos. Era a êsse ministério que S. Paulo aludia quando falava da graça de um sacerdócio permanente e pela vida tôda, o qual ainda estava em Timóteo, dada a sua recepção pela imposição das mãos. Os poderes dêsse sacerdócio, se adormecidos, podiam ser "excitados" por um zêlo renovado. Mui diferente era, porém, o caso daqueles "dons carismáticos" que eram outorgados a certos indivíduos, conforme a ocasião exigia, diretamente pelo Espírito Santo e sem intervenção humana.

Em matéria de fato, os esforços para "reviver" esses dons carismáticos foram, em meados do século II, declarados heréticos. Porque em 170 os Montanistas começaram a cair em tôda sorte de excessos, colocando-se em estados de êxtase, produzindo fenômenos assombrosos, proclamando novas revelações feitas pelo Espírito Santo, e alardeando um ministério de profetas e de fazedores de maravilhas superior ao mi-

nistério das autoridades constituídas na Igreja. Na sua "Tradição Apostólica" (c. 230 A. D.), Hippolytus repudiou as pretensões de Montanus e dos seus sectários, declarando-os "inovadores" e não, como êles pretendiam, restauradores de um ministério carismático que diziam ter sido erradamente descurado. Os "Pentecostais" de hoje, se é que a conheceram, apenas renovaram a antiga heresia do Montanismo, exemplificando mais uma vez o velho dito de que a história se repete.

Nascidas do Protestantismo, as seitas "Pentecostais" modernas já estavam, naturalmente, em estado de separação da Igreja Católica; e realmente não tinham doutrina precisa de uma Igreja autoritária de qualquer espécie. Foram fundadas sôbre os princípios congregacionalistas, que permitiam pleno jôgo ao individualismo religioso.

Confundindo precipitadamente uma excitação religiosa pessoal, que não tinha mais do que uma explicação psicológica meramente natural, com uma efusão do Espírito Santo, êles enganadamente acreditavam haver recuperado dons que realmente não haviam sido entendidos como mero auxílio temporário à Igreja primitiva, mas que haviam sido entendidos com caráter permanente e tinham sido perdidos por uma cristandade que se extraviara sem esperança!

Ademais, êles interpretavam êsses pretensos "dons" como uma bênção individual, e não como destinados ao bem geral da Igreja. Tais dons deviam ser procurados por causa dêles mesmos, e eram considerados "provás de santidade". Por sua vez, a doutrina protestante da salvação "pela fé e não pelas obras" levou, não infreqüentemente, durante os primeiros estágios do movimento, a excessos e abusos os mais imorais.

“FALAR LINGUAS”

Uma vez que dois dons que as “Assembléias de Deus”, juntamente com outras seitas Pentecostais, encarecem de modo especial são o “falar línguas” e o poder de “cura divina”, particular atenção deve ser dada a cada um deles.

As “Assembléias de Deus” sempre ensinaram que o “dom de línguas” é a prova decisiva de que alguém recebeu o “batismo do Espírito”. Assim, Mr. J. R. Evans, Secretário Geral do “Concílio das Assembléias de Deus”, declarou: “O nosso testemunho distintivo é que o batismo do Espírito Santo é regularmente acompanhado do sinal físico de falar línguas conforme o Espírito de Deus dá de falar”. E acrescentou que nenhum ministro que negue isto poderia continuar a deter credenciais dentro da denominação. Isto eles supõem ser um testemunho externo, como oposto a uma pura e pessoal experiência religiosa, que não tem valor de evidência para os outros. Mas que tem o Novo Testamento a dizer sobre este assunto?

E' verdade que no Domingo de Pentecostes os Apóstolos receberam o dom de línguas, ou de falar línguas estrangeiras até então por eles desconhecidas, de modo que os ouvintes oriundos de várias localidades e falando dialetos mui diferentes entendiam o que eles diziam (At 2, 5-12). E este dom continuou por breve período na Igreja primitiva.

Todavia, logo surgiram abusos nesta matéria, como sabemos pela primeira epístola de S. Paulo aos Coríntios. Aí ele fala dos que tinham o dom de línguas e de outros que tinham o dom de interpretação. Mas surgiu em Corinto a idéia errônea de que o falar línguas era entendido como sendo uma feição regular de culto cristão, em vez de ser um fenômeno meramente ocasional. Por isto S. Paulo mostrou-lhes

que “as línguas são um sinal, não para os crentes, mas para os incrédulos” (I Cor 14, 22). E prosseguiu reprovando-os pelo espetáculo desedificante de vários a falarem ao mesmo tempo, sem nenhum intérprete presente e sem ninguém capaz de entender uma só palavra do que era dito. O povo vos julgará simplesmente “loucos”, declarou êle.

Se os que pretendiam ter o dom das línguas houvessem deveras falado “conforme o Espírito dava de falar”, tais abusos não teriam ocorrido. Houve, realmente, casos em que o Espírito Santo era a fonte de tais manifestações; do contrário S. Paulo tê-las-ia proibido completamente, em vez de procurar regulá-las. Mas êle sabia que Deus não inspiraria mera excentricidade e afetação, o que levaria à desordem e ao caos. Como uma salvaguarda contra a auto-ilusão, tão fácil nesta matéria, êle exigiu portanto obediência à autoridade hierárquica na Igreja. Assim, escreveu aos Tessalonicenses: “Irmãos, pedir-vos-íamos prestardes deferência aos... que têm encargo de vós no Senhor e de vos dar diretrizes; fazei disto uma regra de caridade, de os terdes em especial estima, em honra ao dever que êles cumprem, e de manterdes unidade com êles”. As próprias autoridades êle as concitava a repreenderem os desordenados e, embora não suprimindo os pronunciamentos do Espírito, examiná-los cuidadosamente, “retendo somente o que é bom e rejeitando tudo o que tiver aparência de mal” (1 Tess 5, 12-22).

Sob o contrôle da autoridade eclesiástica a palha foi joeirada do trigo, e logo se viu que o Espírito Santo não tinha intenção de continuar na Igreja dons milagrosos ordenados somente às prementes necessidades das fases iniciais; e tais fenômenos anormais rapidamente se tornaram coisa do passado, ao menos

como característico regular de cristianismo. E tanto foi êste o caso, como vimos, que, quando Montanus pretendeu estar restaurando-os em meados do século II, imediatamente foi apontado como inovador, impostor e herege.

Auto-ilusão é coisa tão fácil nos nossos dias como era então. Psicologicamente, pessoas de têmpera alta, levadas a um estado de excitação quase patológica, podem experimentar emoções profundas para as quais não podem achar palavras, e para exprimir as quais elas recorrem a uma 'torrente de sons vagos, ininteligíveis a elas mesmas ou aos outros, embora tão variados e modulados a ponto de darem a impressão de uma língua regular. Em si mesmo, isto pode ser um fen meno puramente natural. Não há necessidade de atribui-lo ao dem nio. Mas o resultado, em qualquer caso,   pura algaravia; e o Espírito Santo absolutamente não tem nada a ver com isso. Nem os esforços das "Assembléias de Deus" para reproduzir tais manifestações no seu meio podem ser considerados como um testemunho prestado pelo Espírito Santo ao autêntico caráter cristão da sua denominação.

CURA MENTAL

Proeminente têm também nas "Assembléias de Deus"   a firme crença na permanência, dentro da Igreja, do dom de cura divina, do qual êles fazem muito uso — muito mais, nos nossos dias, do que do de "falar línguas" — nas suas campanhas revivificad ras.

Antes de discutirmos, entretanto, êste aspecto da religião dêles, alguma coisa deve ser dita acêrca da cura mental em geral, como devida a fatôres meramente naturais.

Através de todos os tempos tem havido "curandeiros naturais", embora, mercê de um conhecimento fa-

lho da psicologia, muitas vêzes as curas tenham sido supersticiosamente atribuídas a feitiçaria ou magia.

O interêsse moderno, imensamente aumentado, pela cura mental pode-se dizer que data de Anton Mesmer (1734-1815), com os seus métodos misteriosos de curar doenças por meio daquilo a que êle chamava magnetismo animal, mas que nós explicaríamos como sendo auto-sugestão induzida por influência hipnótica da parte do exercente.

Os médicos modernos cada vez mais têm verificado que a simples química do corpo não explica a consciência e o poder da mente sôbre o homem. Atitudes mentais podem afetar o sistema nervoso, enquanto que a emoção tem um efeito profundo sôbre as glândulas, acelerando ou retardando até mesmo processos físicos. Uma dor local, que poderia parecer sintoma de alguma doença localizada, pode ser causada por um estado mental. Ôbviamente, em tal caso poderia ela ser removida por uma mudança da visão mental do indivíduo.

Além disto, tem sido reconhecido que a fé do paciente, não necessariamente fé religiosa, pode ser da maior importância no caso. Todo médico que suscita confiança da parte do seu paciente está usando a fé como meio para melhora da saúde. Quanto mais êle puder persuadir o paciente de crer na eficácia do tratamento e no seu final restabelecimento, tanto maior será a perspectiva de êxito.

Duas coisas, entretanto, devem ser aqui notadas: os limites da cura mental e os perigos que a acompanham.

A sua eficácia é restrita às desordens funcionais. Nenhum esforço de imaginação, nenhum grau de autopersuasão pode curar moléstias orgânicas. Não se pode causar nenhum estado mental que restitua a vida a

um nervo ótico morto, ou que cole ossos quebrados, ou que substitua um rim cirurgicamente extraído.

O perigo é que a pessoa pode ter uma doença orgânica realmente grave, e, no entanto, sentir-se aliviada da dor por uma exaltação psicológica. Como consequência disso pode ela imaginar estar curada, embora apenas os sintomas tenham sido banidos da consciência, permanecendo inafetada a causa-raiz do distúrbio. Quando sobrevém a inevitável recaída, pode já ser tarde demais para remédios médicos ou cirúrgicos.

Contudo fica sendo verdade que, dentro da sua própria esfera, a cura mental natural, ou psicoterapia, tem tido notáveis êxitos na cura de doenças físicas.

CULTOS DE CURA PROTESTANTES

O que até aqui foi dito sôbre a cura mental não tem ligação necessária com a religião. Mas os modernos cultos de cura protestantes determinaram arrolar a crescente popularidade de cura mental no serviço das suas diferentes versões de cristianismo. Começaram por falar de "cura pela fé" ou de "cura divina", antes que apenas de "cura mental", fazendo Deus, e não apenas os fatores naturais, responsável pelos resultados que êles proclamavam obter.

Aqui outra vez as novas seitas, e sobretudo as seitas "Pentecostais", acusavam a Igreja de haver descurado obedecer ao mandamento de Cristo de curar os doentes; e declaravam-se pregando o "Evangelho Pleno", e não sômente parte dêle, pela sua proclamação da "cura pela fé" como essencial ao Cristianismo.

Debalde, contudo, procurar-se-á em todo o Novo Testamento apoio para as extravagantes interpretações dêles da mensagem dêse mesmo Testamento.

No Novo Testamento realmente lemos que frequentemente, embora só em ocasiões particulares, milagres de cura foram operados por Cristo e pelos que, na primitiva Igreja, haviam recebido o dom carismático de curar. Mas êsses milagres ocasionais não eram simplesmente para o fim de conferir os benefícios físicos da saúde. Eram sinais para induzir à fé na religião cristã e confirmar esta. Eram para que os homens pudessem crer “por causa das obras”. Nem por um momento a cura por êsse modo se entendia fôsse parte essencial da religião cristã, ou devesse continuar como um meio ordinário de apostolado. O próprio Cristo curou alguns leprosos na Palestina. Não curou todos os leprosos na Palestina. E tornou inteiramente claro que ordinariamente se deve pôr confiança nos meios usuais e naturais de tratar as doenças. “Os que estão com saúde não precisam de médico”, disse Jesus, “mas sim os que estão doentes” (Mt 9-12).

S. Paulo teve o dom de curar. Exerceu-o extensamente em Malta para a conversão daquela ilha (At 28, 8-9). Mas não usou o seu poder e nem apelou para outros que tinham êsse dom, com o fim de se beneficiar a si mesmo. Suportou pacientemente a sua própria “enfermidade da carne” (1 Cor 12, 7; Gál 4, 13-15). Não recorreu à cura divina no caso de Epafrodite (Filip 2, 29-30). “Trófimo”, escreveu êle, “deixei-o doente em Mileto” (2 Tim 4, 20). Ao próprio Timóteo êle aconselhou tomar um pouco de vinho para a sua dor de estômago (1 Tim 5, 23). Por que isso, em vez de curá-lo milagrosamente, como tinha curado tantos outros?

Tal como sucede com o “falãr línguas” e com outros fenômenos extraordinários, assim também sucede com os milagres de cura. Tais maravilhas foram ope-

radas no comêço, a fim de obter que a Igreja fôsse rápida e seguramente estabelecida. Mal essa necessidade cessou, os dons milagrosos foram cada vez mais raramente manifestados; embora em nenhum período da história da Igreja tenham estado totalmente ausentes. Todavia, os modernos "Pentecostais" pareceriam pensar que o mandamento mais importante de Cristo foi que a Igreja devia empreender uma missão de curar os doentes; e que fazer isto devia ser parte do seu ministério permanente e ordinário. Mas êles não compreenderam a verdadeira natureza da religião cristã, ao mesmo tempo que erradamente consideraram os resultados de fatores meramente naturais como milagres devidos a uma especial intervenção da parte de Deus.

ATITUDE CATÓLICA

Por tudo isto não se deve pensar que a Igreja Católica seja hostil à idéia da cura milagrosa. Tais milagres têm ocorrido de vez em quando através de todos os séculos, e, por exemplo, em Lourdes, na França, ainda ocorrem curas instantâneas de doenças orgânicas, curas que meios naturais não poderiam efetuar, e que têm sido atestadas por médicos peritos após o mais severo exame científico.

Mas a Igreja Católica nega que a função de curar os doentes por meios extraordinários e sobrenaturais seja parte normal da sua missão. Oficialmente ela nunca se empenhou em esforços para tal operação de milagres. Pelas biografias dos Santos nós sabemos que êstes, individualmente, fizeram coisas as mais notáveis. Ora, curas estupendas e milagrosas têm ocorrido imprognosticavelmente neste santuário ou naquele. Mas, oficialmente, a Igreja Católica tem-se dedicado ao exercício da caridade cristã para com os doentes, construindo e sustentando hospitais no mundo in-

teiro para o cuidado dos aflitos. Aquêlê que está doente “necessita de médico”. A “cura pela fé” como um substitutivo para a assistência médica, isto a Igreja condena como anticristão e irracional. Ela está simplesmente mais do que atenta aos abusos que podem seguir-se a tal cura, não só através de crédulas e supersticiosas expectativas mas também através da desonesta exploração da prática por charlatães.

Certamente não há no Novo Testamento precedente para as campanhas modernas da “cura pela fé”. Cristo nunca anunciou “demonstrações de cura”; nem levou as turbas a um estado de histeria emocional, confiando nos seus próprios poderes hipnóticos e na auto-sugestão de indivíduos neuróticos, a fim de poder jactar-se de resultados sensacionais! As curas do Novo Testamento eram inteiramente diferentes das pretendidas pelos movimentos da cura pela fé hoje em dia.

Não é demasiado dizer que o difundido e concentrado interesse em tais esforços é um sintoma mórbido. Ele argúi que as seitas protestantes que nêles se empenham já não são capazes de granjear adeptos pelo conteúdo espiritual dos seus ensinamentos religiosos. A ênfase incide sôbre os benefícios temporais e físicos a serem obtidos da religião, antes que sôbre as suas bênçãos espirituais, sôbre a prática da virtude cristã e sôbre o desinteressado serviço de Deus por puro amor de Deus. A atenção é focalizada não naquilo que devemos fazer para Deus, mas sim naquilo que devemos fazer para nós. A uma gente neurastênica, necessitada de constantes sedativos, tais esforços místicos de cura mental podem interessar grandemente; mas condescender com tais campanhas não é pregar o “Evangelho Pleno”; antes é pregar um falso evangelho, em que o nosso próprio benefício se torna mais importante do que a honra e a glória de Deus; em

que a procura de si mesmo substitui o sacrificio de si mesmo; e em que o primeiro requisito de arrependimento, de insatisfação consigo, é afogado em auto-complacência.

Longe de serem autorizados ou usados por Deus, os serviços de cura das massas fazem mais mal do que bem à gente crédula, e trazem descrédito à religião. Os sofredores altamente trabalhados podem imaginar que uma influência divina foi recebida das mãos do "curandeiro pela fé"; mas resultados igualmente benéficos têm sido obtidos pela "imposição das mãos" em casos em que o exercente era um completo descrente de qualquer religião, e em que o paciente tinha fé somente nos poderes naturais do "curandeiro", e nenhuma absolutamente em Deus ou em quaisquer realidades sobrenaturais.

CAMPANHA TÍPICA DE CURA

Como as missões reavivamentistas de "cura pela fé" apadrinhadas pelas Igrejas Pentecostais trazem descrédito sobre toda religião, isto foi bem exemplificado em Sydney, Austrália, durante os anos de 1952 e 1956.

Essas Igrejas Pentecostais têm várias fundações pequenas, mas ativas, na Austrália, inclusive, entre outras, a "Igreja Pentecostal Santidade", e as "Assembléias de Deus". Estas últimas têm o maior número de centros e de adeptos.

Em 1952, um comitê de todas essas Igrejas, sob a presidência do Pastor Philip B. Duncan, das "Assembléias de Deus", Bronte, N. S. W., convidou o "curandeiro pela fé" Pentecostal, Rev. A. C. Valdez, a visitar a Austrália a fim de dirigir reuniões reavivamentistas em favor delas.

Para a ocasião foi alugado o Salão Central Presbiteriano e ali, na noite de abertura, o Rev. A. C. Valdez, Americano, declarou que, enquanto estava em S. Francisco, o próprio Deus o induzira a ir à Austrália. Proclamava ter ouvido a Voz Divina, não audivelmente, mas no seu coração, dizendo-lhe: "Mãos vos estão sendo estendidas da Austrália". Donde haver êle procurado as "Assembléias de Deus" e ter-se oferecido para ir à Austrália.

Explicando o seu "dom de curar", disse êle que uma noite fôra acordado de um sono profundo e sentira uma presença milagrosa. A própria atmosfera estava carregada e veio uma Voz dizendo: "Filho, vou dar-vos o dom da cura divina". Então apareceram dois anjos e "colocaram as mãos sôbre a minha cabeça, e eu senti uma quentura como um líquido fluindo sôbre o meu corpo". De acôrdo com o seu próprio relato, o poder de curar começava-lhe na cavidade do estômago sempre que devia ser exercido, e subia-lhe por todo o corpo. "Posso sentir neste momento o poder saltando da minha mão direita como faíscas de electricidade", disse êle ao auditório (Reportagem no "Daily Telegraph", de Sydney, a 7 de novembro de 1952).

Mais tarde, durante a missão, êle declarou que tinha curado milagrosamente, em particular, um aleijado na América, e que estava triste pelo fato de não haver isso ocorrido numa reunião pública, para todos verem. Mas Deus repreendeu-o.

"Deus", asseverou êle: "me disse: Dize, fedelho, quem é que está fazendo êsses prodigiosos milagres, tu ou eu?". E eu disse: "Vós, ó Deus". E Deus replicou: "Pois bem, escuta, fedelho: deixa-me fazer as coisas a meu modo, e cuida dos teus negócios". "Ora, isso não foi admirável? Possais dizer "Amém", cla-

mou êle para o seu auditório (Reportagem no jornal "Verdade", de Sydney, a 16 de novembro de 1952).

Quase não há necessidade de comentar a irreverência de tais declarações, a patente falsidade das pretensões expostas, e a pura incongruência de associar todos os processos com qualquer "efusão do Espírito Santo" entornada sôbre reuniões conduzidas em tal atmosfera.

O Rev. A. C. Valdez distribuiu nas suas reuniões um livrinho intitulado "Healing Waters" (Águas Curativas). Pode ser que tenha sido a reputação mundial das águas de Lourdes que tenha sugerido êsse título, e que tenha sido intenção dêle sugerir iguais favores a serem recebidos da sua mão direita com as "faíscas de eletricidade a saltarem dela". Seja lá como fôr, jornalistas de todos os jornais de Sydney examinaram cada caso em que êle proclamava uma cura em Sydney, em nenhum dêles achando melhora notável de qualquer espécie.

CAMPANHA DO REV. ORAL ROBERTS EM 1956

Poder-se-ia pensar que tal exibição terminasse uma vez por tôdas com os esforços em reavivamentismo religioso conduzido sôbre tais linhas. Mas as "Assembléias de Deus" em Sydney, Austrália, são extremamente otimistas. Por isto, em janeiro de 1956, elas experimentaram de novo, de forma muito maior, com uma campanha de cura feita pelo Americano Rev. Oral Roberts.

Êste foi largamente anunciado na imprensa como "Evangelista de Cura da América", "O Homem de Deus para esta hora". A sua missão era "Para tôdas as pessoas de tôdas as Igrejas".

Foi públicamente afirmado, na propaganda prévia, que o Rev. Oral Roberts empreendera, a pedido pes-

soal de Deus, “salvar” um milhão de almas no período de três anos que findava a 1.º de julho de 1956; e que êle apelava para o povo australiano a fim de freqüentar a sua missão, de forma a habilitá-lo a cumprir a sua promessa!

Fizeram-se esforços para atrair o povo pela segurança de que a barraca de “reviver” dêle era maior do que a de “Barnum e Bailey”, e de que os que comparecessem apareceriam em “películas cinematográficas a serem feitas para uso nas estações de TV na América”. Êsses apelos a tudo, menos a disposições e motivos religiosos, despertaram na imprensa a irrisão do profano e do ridículo, e ela descreveu o empreendimento como “Circo da Salvação Debaixo do Grande Tôlido”!

Em resposta a tal crítica, o Rev. Oral Roberts declarou públicamente: “Não sou um “curandeiro pela fé”. Só Deus pode curar. Venho pregar o Evangelho de Cristo e orar pelos doentes que crêem que Deus pode curá-los”.

E’ muito difícil crer que essa declaração, feita para contrabalançar a acusação de pretensão a poderes que êle não possuía, também não tenha sido pura pretensão!

Num relato da sua vida, publicado uns dois anos depois, êle declarou que, nos doze primeiros anos do seu ministério como pregador na “Igreja Pentecostal Santidade”, não tinha poderes de cura. Naqueles anos êle apenas podia rezar pelos doentes e esperar que Deus os curasse mediante as suas preces e a fé dêles mesmos. Declarou, entretanto, que no fim dêsse período de doze anos, uma noite, depois de se haver prostrado no chão e orado por várias horas, Deus lhe disse que se levantasse, entrasse no seu carro, dirigisse-o ao longo da rua uma quadra, e dobrasse à

direita. E êle solenemente assegurou ao mundo que, quando começava a volta à direita, Deus lhe deu o "poder de cura". Disse que o poder de Deus fluía sôbre o seu braço direito curativo como uma "corrente de eletricidade". De então por diante, Oral Roberts proclamou-se capaz de curar pelo toque da sua mão direita carregada de eletricidade. Fundou uma organização chamada "Healing Water Incorporated" (Águas Curativas Incorporada), em Tulsa, Oklahoma, E.U.A., sugerindo êsse próprio título, ao povo crédulo, que podia esperar a cura das suas doenças dos poderes de cura à disposição dêle, Oral. Não era questão de simplesmente "orar" pelos doentes.

Êle foi tão bem sucedido em impressionar gente crédula por meio do "Bible Belt" (Cinturão da Bíblia) nos Estados do sul e do meio-oeste da América do Norte, que a sua organização agora tem escritórios modernos com ar condicionado, com um pessoal de mais de 150 empregados e uma despesa orçada em uns 3 milhões de dólares para 1956.

Além disto, os anúncios avisando do seu advento à Austrália em favor das "Assembléias de Deus" descreviam-no como "Evangelista Curandeiro da América", claramente sugerindo que êle dispensaria curas aos doentes durante as suas reuniões.

Depois de tudo isso, era impossível pedir ao povo acreditar que êle não proclamava o poder de curar, mas apenas orava e esperava que Deus ouviria as suas orações e recompensaria a fé do doente que crêsse. De acôrdo com o seu próprio relato, assim deve ter sido nos primeiros doze anos do seu ministério. Mas depois disso êle proclamou, de modo definido, que era a fôrça elétrica, dada por Deus, no seu braço direito, que o fazia.

HISTÓRIA DO HIPNOTISTA DE PALCO

Mal o Rev Oral Roberts apareceu em Sydney, Austrália, o Rev. Dr. Mackay, Presbiteriano e Secretário do Concílio das Igrejas Protestantes da Nova-Gales do Sul, imediatamente denunciou-o como "falso profeta", declarando que "Franquin", o hipnotista de palco que naquele tempo se exibia no Teatro Império de Sydney, podia realizar por meios puramente psicológicos qualquer coisa que era provável que o Rev. Oral Roberts efetuasse durante as suas sessões de "cura pela fé".

Isto acarretou uma notável carta do próprio Franquin à imprensa, a qual merece ser colocada em registro permanente. Apareceu ela no "Daily Telegraph" de Sydney, a 26 de janeiro de 1956.

Depois de declarar que era apenas um entretenedor, e que sempre recusara comprazer com qualquer dos milhares de pedidos de assistência médica por êle recebidos, encaminhando tais apelantes a médicos acreditados, "Franquin" prosseguiu com as seguintes significantíssimas palavras concernentes aos métodos inescrupulosos do movimento "Pentecostal" em geral:

"Como matéria de interêsse, primeiramente ouvi falar do evangelista americano Valdez, mencionado noutra história na mesma página (Sydney "Daily Telegraph", 23 de janeiro de 1956) como "curandeiro milagroso", quando fui inicialmente a Honolulu.

"Eu havia alugado para o nosso espetáculo, por dez noites, o Auditório Cívico, que comporta 5.500 pessoas.

"Os agentes do Auditório disseram-me que o Sr. Valdez lhes alugara o edifício por duas semanas, dia e noite, pouco antes da nossa chegada, e depois precisara dilatar o prazo.

"Mas êles recusaram, sôbre o fundamento de estar êle tirando muito dinheiro da cidade.

“As tentativas dêle para obter os outros grandes edifícios e o estádio de “foot-ball” foram frustradas pela Câmara de Comércio de Honolulu.

“Valdez deixou Honolulu com uma soma avaliada pelos agentes do Auditório em cêrca de \$ 250.000. Na América isto é completamente isento de impôsto, e sem ter que prestar contas a ninguém.

“Durante os dois anos seguintes, enquanto percorriamos a América, e especialmente no “Bible Belt” (partes do Texas, Oklahoma, Arkansas, Mississipi, Alabama, Geórgia e Flórida Setentrional), vimos e ouvimos muitos dêsses cavalheiros.

“Em Jacksonville, Flórida, onde representávamos no Auditório George Washington para casas cheias e por períodos extensos, fui abordado por um grupo de homens que me sondaram sôbre as minhas crenças religiosas ou coisa que o valha.

“Como tôda gente, eu tenho as minhas próprias crenças, e a certos respeitos sinto que elas são inteiramente únicas.

“Embora minhas crenças não se conformassem com as disposições que aquêles cavalheiros proclamavam ter, não tardaram êles a vir ao ponto, e declararam sem reбуços o que queriam comigo.

“Sumàriamente, era que êles tinham visto meu espetáculo umas 22 vêzes. Estavam muito impressionados com as minhas habilidades para controlar um auditório e manejar as pessoas quer individualmente quer em massa, e, depois de muita parolagem, saíram-se com uma grosseira proposta.

“Êles me apoiariam, prover-me-iam de um grande elenco de Imprensa e de Relações Públicas, dariam a minha mulher e a mim um Cadillac para cada um, e após um adestramento de vários meses nas idéias

dêles sôbre o uso aceito da Bíblia, êles propunham explorar as minhas habilidades.

“Eu devia ser um evangelista e curandeiro. Êles me prometeram mesmo a maior tenda de exibição no mundo, com fôrro tríplice e tôda com ar condicionado.

“Em compensação pelos meus serviços a minha quota devia ser de 25% da renda bruta, ou um mínimo de \$ 100.000 por ano, isento de impostos.

“Minha mulher, que tem modos de ver religiosos um tanto ortodoxos, ficou pasmada. Assim também eu, mas por motivos diferentes, visto ter eu, mesmo com a minha concepção agnóstica, um certo código segundo o qual procuro viver”.

E' impossível conciliar com o Novo Testamento e com o Espírito Santo tais esforços para explorâr a religião. E, se um agnóstico se espanta com êles, quão mais repugnantes não devem êles ser para os que conservam qualquer crença que seja no Cristianismo!

Mas voltemos ao Rev. Oral Roberts. Durante a sua missão em Sydney, foram inseridos nos jornais anúncios pagos dizendo que, ao seu toque mágico, “Maravilhosos e inegáveis milagres eram testemunhados”. “Gagueira e asma eram curadas, bócios eram dissolvidos, e membros prejudicados eram curados”.

Não havia nem diagnóstico médico antecipado, nem averiguação posterior. E os investigadores da Imprensa, ao averiguarem cada uma das curas alegadas, acharam serem inteiramente injustificadas tôdas as pretensões de que tivesse sido promovida qualquer melhora.

A reação pública à campanha do Rev. Oral Roberts na Austrália não foi só uma campanha de indiferença, mas uma campanha de tal hostilidade, levada mesmo até o extremo da violência, que êle interrompeu a sua estação e fugiu do país,

denunciando acrómente os Australianos pela sua falta de correspondência aos seus esforços. Contudo, de volta à América, para fins de propaganda, nas suas sessões de rádio e de televisão, êle ali proclamou que a sua visita à Austrália tinha sido um sucesso inqualificável! Se o Rev. Oral Roberts é um representante típico delas, só se pode concluir é que, sejam quais forem os outros dons do Espírito Santo que tenham sido prodigalizados às "Igrejas Pentecostais Santidade", um amor da verdade é nelas tão pouco evidente como o da própria "cura divina".

CONCLUSÃO

Seria, por certo, inteiramente injusto considerar ou o Rev. A. C. Valdez ou o Rev. Oral Roberts como típicos de todos os membros, ou mesmo de todos os ministros, das "Igrejas Pentecostais Santidade". Se os casos dêles foram mencionados com alguma extensão, foi somente para mostrar como o superdestaque e a má compreensão de algum aspecto particular da verdade pode levar a tais aberrações, e à exploração delas por indivíduos que são menos conscienciosos do que outros que confiantemente as recebem.

As "Assembléias de Deus" em particular, cujos representantes australianos aceitaram os serviços dêses "curandeiros pela fé", conservam a fidelidade de gente boa e sincera nas suas dezenas de milhares de adeptos. A denominação foi descrita como "agressiva, evangélica e intensamente missionária". Isto quer dizer zelo, crença de que realmente êles possuem o Evangelho de Cristo, e imenso sacrifício pessoal nos esforços para difundir a sua religião pelo mundo todo. Êles têm, de fato, muitíssimas missões, nas mais isoladas e difíceis terras estrangeiras. Seria impossível

dizer que tais entusiastas não crêem profundamente na sua religião e não são inexcedíveis em fervor.

Porém o mesmo deve ser dito de tôdas as outras denominações protestantes, tantos membros das quais são igualmente convictos, fervorosos e zelosos em propagar as suas diferentes versões do Evangelho. Contudo essas diferentes e antagônicas interpretações do Cristianismo não podem ser tôdas igualmente verdadeiras.

Para achar a verdade — e é importante procurar fazê-lo —, deve-se promover uma reconsideração tanto da história como da Escritura.

A história nos diz que tôdas as várias espécies de Protestantismo são o resultado inevitável da rejeição do ensino e da autoridade disciplinar da Igreja Católica no século XVI, deixando-se cada indivíduo mais ou menos ao seu próprio juízo privado para obter por si mesmo o significado da religião cristã. A Escritura nos diz que Cristo garantiu que o Espírito Santo preservaria a Igreja que Ele fundou do verdadeiro fracasso que os reformadores alegaram e do qual fizeram o seu pretêxto para abandoná-la.

Mas um estudo da verdade do Catolicismo não é possível aqui. Algumas palavras, apenas, devem bastar.

O real pentecostal recusa admitir que o Espírito Santo tenha jamais desertado a antiga e viva Igreja Católica a que a vasta maioria dos cristãos professos ainda hoje alegremente pertencem.

Os que querem o “Evangelho Pleno” só o acharão dentro do redil dela. Com efeito, qualquer apresentação seccional do Cristianismo é simplesmente êrro; mas sempre envolve uma ênfase unilateral que quase vale por uma caricatura que perdeu de vista as outras doutrinas equilibradoras e igualmente vitais. Tudo o que há de bom em denominações não-católicas foi, originariamente, confiado à Igreja Católica.

Ela pugna pela verdade, não parcial, mas sim completa; não por um Cristianismo peculiar, mas sim normal.

Só ela faz justiça aos aspectos institucionais, sacramentais e místicos da religião de Cristo. Institucionalmente, ela é a verdadeira "Assembléia de Deus" neste mundo, como a visível "Comunhão dos Santos". Sacramentalmente, aos que nasceram de novo da água e do Espírito Santo, no Batismo, ela confere a "Segunda Bênção do Espírito", na Confirmação, sempre purificando e alimentando depois seus filhos por outros meios sacramentais dos quais tão infelizmente foram privados aqueles que, não por culpa sua, têm vivido em estado de separação dela. Misticamente, não há verdadeira forma de experiência religiosa, não há aspirações humanas, oriundas da autêntica revelação de Cristo e da genuína influência do Espírito Santo, que não se sintam em casa no ambiente católico.

A Igreja Católica é que é garantida, pela sua sucessão apostólica, como herdeira direta do Cristianismo primitivo; e os convertidos que a ela têm voltado — como o fez o próprio escritor dêste livrinho — são unânimes em declarar que só um verdadeiro Pentecostes de luz e de graça poderia responder pela escolha que êles fizeram.

O que êles receberam está à disposição e à espera de todos os homens de boa-vontade que realmente querem a religião que Cristo pretendeu que êles possuísem.

I N D I C E

I

Fundo histórico	5
Êxodo puritano para a América	7
O Reavivamentismo no século XIX	10
Aparecimento do Protestantismo	12
Movimento da última chuva	14
Assembléias de Deus	15
Influências de várias seitas	17

II

Perigos do Reavivamentismo	19
Dons do Espírito	22
Sujeitos à autoridade	24
Não permanentes	26
“Falar línguas”	28
Cura mental	30
Cultos de cura protestantes	32
Atitude católica	34
Campanha típica de cura	36
Campanha do Rev. Oral Roberts em 1956	38
História do hipnotista de palco	41
Conclusão	44